

Editorial

O décimo segundo número de *ARTEFILOSOFIA* inicia-se com o *Dossiê Teatro e Espaço Urbano*, organizado por Alessandra Vanucci. Se é verdade que o teatro e a cidade se encontram e se influenciam desde a antiguidade, qual seria a configuração contemporânea dessa antiquíssima relação? Os textos do Dossiê, escritos por pesquisadores de várias instituições, apresentam como resposta uma premissa muito clara: “O espaço urbano, grande arena pública da convivência humana, tornou-se na modernidade o local do espetacular embate entre culturas e tribos. As permanentes mudanças do organismo-cidade, interferindo nos hábitos particulares e criando fricção entre os indivíduos cidadãos e a qualidade da vida coletiva, estimulam a dramaturgia – muitas vezes uma dramaturgia crítica. Inaugurou-se um possível percurso de criação contemporânea (performática, não ficcional, pós-dramática) norteado pelo encontro entre cidadão (ator/espectador) e espaço urbano”.

Fazendo eco ao crescente interesse dos filósofos pela história da arte (e dos historiadores da arte pela filosofia), a primeira seção temática da revista apresenta quatro textos que trabalham explicitamente na zona de contato entre as duas disciplinas. Em “Apresentação crítica da obra de Didi-Huberman e de suas concepções sobre arte e imagem” e “Histórias de fantasmas para adultos: as imagens segundo Georges Didi-Huberman”, o leitor poderá acompanhar duas exposições bem distintas do pensamento do historiador-filósofo francês de quem tivemos o prazer de publicar, no número anterior, uma entrevista inédita no Brasil. Na sequência, dois textos tematizam a presença do pensamento de Tomás de Aquino na arte medieval e na história da arte que procura compreendê-la: “Das virtudes e dos vícios de Giotto na Capela Arena: premissas filosóficas” e “Iconologia, Alegorismo Medieval e o conceito de *habitus* na obra de E. Panofsky”.

A segunda seção temática reúne dois ensaios que articulam filosofia e literatura e um ensaio que articula cinema, filosofia e literatura. “Une nouvelle lecture de *Marelle* de Cortázar par le concept du pli de Deleuze” procura iluminar o “tecido” do romance *O jogo da amarelinha* através das investigações deleuzeanas sobre o barroco. “A eternidade no tempo e o conhecimento na arte na obra de Marcel Proust” trata da produção da verdade segundo a teoria estética que se apresenta na própria escrita literária de Proust. “Ready for Love: Violência e exceção em ‘Clockwork Orange’” parte do filme e do livro de mesmo nome (no Brasil, *Laranja Mecânica*) para investigar a relevância que a categoria “exceção” tem adquirido nas reflexões contemporâneas sobre filosofia política, estética e psicanálise.

A terceira seção temática apresenta dois textos que relacionam diretamente música e filosofia. “Filosofia e música: uma inflexão conceitual no pensamento de Schopenhauer e a música de Brahms” mostra como a “segunda” filosofia de Schopenhauer, por se aproximar da ontologia materialista, tem uma afinidade com a música de Brahms. “O *éthos* da música e da cidade grega” trata do papel da música na filosofia da educação desenvolvida por Platão e Aristóteles, tomando como ponto de partida a pergunta clássica “Como a música afeta a alma?”

Na seção *Arte Final*, como de hábito, encerramos com arte essa publicação dedicada à filosofia da arte. Temos o prazer de apresentar dois contos de Gabriela Gazzinelli: “Discórdia” e “Para além do limiar”.

Romero Freitas

Ouro Preto, Julho de 2012.